

## SOBRE SERMOS SUJEITO E OBJETO EM UMA INFINITA RELAÇÃO DE CONHECER E RECONHECER – A EXPERIÊNCIA NA PESQUISA CIENTÍFICA

Amanda dos Santos Lemos

*Universidade Castelo Branco – UCB – amandalemos@castelobranco.br*

### Resumo

O presente trabalho, tem por objetivo problematizar a relação que se estabelece entre sujeito e objeto em uma relação de investigação e, como essa investigação age sobre o sujeito, tal como este age sobre o objeto investigado. Este é um trabalho que fala sobre uma experiência profissional, mas, que grita sobre a experiência pessoal de algumas meninas que se reconheceram, enquanto sujeitos no mundo, a partir de sua inserção em grupo acadêmico de pesquisa científica. Investigar o mundo nos dá a oportunidade de nos investigarmos a nós mesmos e termos a oportunidade de redefinirmos o curso de nossa trajetória. Mas, esse não é um trabalho biográfico, é uma reflexão que a reafirma o conhecimento (adquirido com estudo e pesquisa) como instrumento de empoderamento, de enfrentamento a alienação e, especialmente, transformação da realidade.

**Palavras-chave:** Etnia – Conhecimento – Sociedade – Inovação

### NOSSA REFLEXÃO

Quem cede a vez não quer vitória  
Somos herança da memória  
Temos a cor da noite  
Filhos de todo açoite  
Fato real de nossa história  
Se o preto de alma branca pra você  
É o exemplo da dignidade  
Não nos ajuda, só nos faz sofrer  
Nem resgata nossa identidade<sup>1</sup>

Este não é um trabalho para de debater conceitos ou apresentar inovações tecnológicas, este é um trabalho que sistematiza uma experiência e, tenta demonstrar em algumas linhas, como o processo de pesquisa e investigação pode interferir na vida de seus participantes. Este trabalho tem o objetivo de sistematizar a experiência / vivência em um projeto de pesquisa, socializamos aqui, nossa evolução como sujeitos sociais e investigadores sociais, trazendo à tona o emaranhado de conhecimento e emoções que nos inundou no decorrer da experiência.

Somam-se nessa experiência 3 anos de trabalho de estudos e investigações, cerca de 20 alunos envolvidos, interlocução com outros grupos, participação em diversos congressos, encontros e seminários, a oportunidade de falar sobre nossa experiência em um congresso internacional e a oportunidade de nos (re)conheceremos no mundo.

<sup>1</sup> Parte da letra da música “Identidade”, de Jorge Aragão. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/jorge-aragao/identidade.html>. Acessado em jul. de 2017).

O que pretendemos aqui é refletir um pouco sobre a relevância da pesquisa científica nas Ciências Sociais e, como esta pode (re)significar a identidade e os posicionamentos ideológicos de seus sujeitos. Trata-se de um trabalho sobre vidas, sobre experiências pessoais, sobre a própria existência humana, entendida num cenário de destituição, resistência e ancestralidade.

Eu sou negra, meus pais são negros, meus avós eram negros, meus tios, primos e demais parentes são negros. Mas, eu não tinha consciência disso. Talvez os homens de minha família tenham se reconhecido negros com mais facilidade que as mulheres, ao serem lembrados diariamente (de maneira pejorativa, é claro, mas, lembrados) pela polícia, nas entrevistas de emprego, nas suas ocupações laborais, mas, eu não. Minha mãe sempre fez de tudo para manter meu cabelo impecavelmente alisado, minhas amigas eram brancas, frequentei cursos de idiomas e formação complementar, estudei em boas escolas, sempre trabalhei em grandes empresas, sempre ouvi dizer que as religiões de matriz africana eram malignas. Cresci ao som do “*show da Xuxa*”, querendo ser “*paqueta*”, sonhava ter uma coleção de Barbies, lânguidas, magras, brancas. Cresci num universo que não me remetia à minha ascendência, ao povo que deu origem a minha família e a nossa história. Cresci com uma ideia distorcida de mundo, de identidade, ganhei minha primeira boneca negra ao completar 33 anos de idade, lutei muito contra a textura do meu cabelo, apesar de parecer estranho, nunca parei para pensar no significado político de ser a única negra em uma sala de aula ou nos espaços de trabalho, parafraseando outra negra, “durante a minha vivência enquanto mulher e negra, não vi apresentados a mim mulheres como eu sendo produtoras de conhecimento, protagonista de espaços de poder. Para mulheres como eu, só restava os subempregos e a clandestinidade”.

(Professor 1)

Nessa perspectiva, consideramos de suma relevância fazermos uma reflexão sobre o processo de acesso e produção do conhecimento, fazendo uma reflexão crítica sobre a realização da pesquisa e a incidência da mesma sobre a nossa inserção no mundo.

Desde do ano de 2008, me tornei docente no curso de Serviço Social da Universidade Castelo Branco – UCB<sup>2</sup> – uma das maiores da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. E, pelo menos, na história recente do curso, não tínhamos a cultura da pesquisa disseminada entre nós, o que é um equívoco, pois o Serviço Social é uma profissão de caráter interventivo e, seria impossível intervir na realidade, sem estarmos debruçados ininterruptamente sobre o seu entendimento. Assim, entendemos que a pesquisa aparecerá como poderosa aliada dos assistentes sociais, a fim de que estes possam apropriar-se da dinâmica social, testem seu cabedal técnico operativo, sistematizem suas experiências e realimentem sua prática. Citando Demo (apud Lara, 2007):

Pesquisa pode significar condição de consciência crítica e cabe como componente necessário de toda proposta emancipatória. Para não ser mero objeto de pressões alheias, é 'mister' encarar a realidade com espírito crítico, tornando-a palco de

<sup>2</sup> A trajetória da Universidade Castelo Branco se confunde com a recente história da Zona Oeste. Começa em 1963, quando é criada uma pequena escola primária em Realengo.

A UCB é uma constante oportunidade para a Zona Oeste. É uma universidade em permanente construção. É oportunidade de futuro. Sempre ligada à comunidade, a UCB mantém projetos sociais que, por um lado, incentivam a cidadania e, por outro, capacitam estagiários dos diversos cursos envolvidos. Um trabalho conjunto pautado pelos princípios da competência e da qualidade. (Dados disponíveis em: <http://portal.castelobranco.br/historia/#/0>. Acessado em jul. de 2017).

possível construção social alternativa. Aí, já não se trata de copiar a realidade, mas de reconstruí-la conforme os nossos interesses e esperanças. É preciso 'construir a necessidade de construir novos caminhos', não receitas que tendem a destruir o desafio da construção.

Ainda assim, a pesquisa continuou distante de nós por muitos anos, até que em 2015, participamos do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica<sup>3</sup> (PIBICT) propondo o projeto de pesquisa “Queens of África ou Barbies? A formação da identidade da mulher negra moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro”. Você pode estar se perguntando porque dentre tantas temáticas afeitas, a questão da raça pareceu-nos mais latente, visto que essa não é uma questão explorada exaustivamente dentro da tradição Marxista, que norteia desde o final da década 1970, a condução da profissão no Brasil. E, também, porque de repente, numa conversa despreziosa de bar, me dei conta que era negra! Isso mesmo, eu sou negra, aliás sempre fui, mas, somente muito recentemente, me dei conta da conotação política, ideológica e ancestral que isso tinha. Essa “descoberta” pode até soar estranha, mas, é muito comum, comum ao ponto de ser o objetivo desse texto.

Muitas coisas foram aprendidas, descobertas e socializadas com essa pesquisa, tantas que não demos conta em um único ano, vivido com intensidade por todos os participantes do grupo. No ano seguinte (2016-2017) propomos a pesquisa “Bum Bum Paticumbum Prugurundum – A incorporação de elementos africanos à identidade nacional brasileira”, que trata a identidade de maneira mais ampla, de maneira nacional. Mesmo não tratando de experiências mais íntimas e pessoais, recorrentemente, em nossos encontros, somos invadidos por depoimentos que relatam identificação e distanciamento, reconhecimento e experiência, que sempre terminam com questionamentos e processos de transformação. A partir dessa experiência, propomos aqui, uma reflexão não sobre os resultados alcançados nesses trabalhos, mas como a inserção nesses projetos de pesquisa, age sobre a vida dos sujeitos levando-os a (re)significar sua própria existência.

---

<sup>3</sup> A Universidade Castelo Branco, com foco na consecução da sua missão, implantou o seu Programa Institucional de Iniciação Científica & Tecnológica (PIBIC&T) em consonância com os princípios gerais normativos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico & Tecnológico (CNPq).

Programas de iniciação científica & tecnológica constituem-se em privilegiados mecanismos para identificar, estimular e iniciar estudantes de graduação no processo de desenvolvimento de pesquisa científica e de desenvolvimento tecnológico. Sua finalidade é despertar a vocação científica e incentivar potenciais talentos entre estudantes de graduação universitária, mediante participação em projeto de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico, orientados por pesquisadores qualificados.

Ao mesmo tempo em que desperta e qualifica o estudante academicamente, a iniciação científica e tecnológica também cumpre a função de processo estimulador de pesquisadores a encorajarem os estudantes de graduação a se engajarem em pesquisas científicas e em projetos de desenvolvimento tecnológico, recebendo orientação de Instituições comprometidas com o desenvolvimento técnico-científico do país, estimulando sempre o surgimento de novos pesquisadores. (Disponível em: <http://portal.castelobranco.br/pibct-programa-institucional-de-iniciacao-cientifica-e-tecnologica/>. Acessado em ago. de 2017)

A pesquisa, a investigação e a construção de conhecimento têm sido um tema recorrente no Serviço Social, que poderia indicar dois motivos dessa preocupação acadêmica e profissional, são elas: uma história marcada pelo forte caráter executivo da profissão no interior das políticas sociais e o desejo de superação desta condição e; a recente inserção e reconhecimento da profissão nas agências de pesquisa. (SARMENTO apud SIMÕES, 2012, p. 25)

Partimos da experiência no curso de Serviço Social, mas acreditamos que a pesquisa seja instrumento imperioso para todo e qualquer área de conhecimento. Falamos do lugar que as Ciências Sociais e a natureza da nossa profissão nos coloca, mas, a pesquisa é condição para a validação e (re)validação do conhecimento, de significados, de nossa própria existência.

Conhecer, parece-nos apenas algumas das especialidades dos homens. Somos instintivamente instigados a conhecer o novo, a buscar respostas. A Ciência veio de encontro a essa necessidade, de maneira a permitir que pudéssemos fazê-lo de maneira mais organizada e válida. Muitas coisas podem ser objeto de uma investigação, optamos por um objeto simples, se pensarmos nossa existência, mas, magnânimo se pensarmos seu significado histórico e social.

O ser humano, valendo-se de suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia. Ao longo dos séculos, vem desenvolvendo sistemas mais ou menos elaborados que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas. Pela observação o ser humano adquire grande quantidade de conhecimentos. Valendo-se dos sentidos, recebe e interpreta as informações do mundo exterior. Olha para o céu e vê formarem-se nuvens cinzentas. Percebe que vai chover e procura abrigo. A observação constitui, sem dúvida, importante fonte de conhecimento. (GIL, 2008, p. XV)

Falar sobre raça/etnia e gênero é forte, é pesado, mexe com as emoções mais íntimas, especialmente, quando você começa a se reconhecer no seu objeto e, a questionar os processos sociais dos quais sempre fez parte. Vivenciamos isso em nossos grupos de pesquisa, diariamente, reafirmando a relevância desses espaços e do conhecimento, enquanto agente transformador, que funciona como uma “lanterna”, iluminando o processo de avaliação sobre eu e o todo.

(...) o homem reflete a realidade não apenas tal qual ela existe imediatamente, mas também como pode e deve ela ser para as necessidades sociais dele. Voltado, desde o início, para a satisfação de necessidades práticas do homem, o conhecimento cria, não raro, imagens dos objetos que não foram observados na natureza, mas devem e podem ser realizáveis na prática. A pesquisa autenticamente científica está imediatamente voltada para a procura de formas e ideias segundo as quais o mundo deve ser mudado. (Kopnin, 1978, p.228)

Assim, fazemos aqui um resgate do processo de construção do conhecimento e, como este processo age sobre nós mesmos, a ponto de buscarmos nossa (re)colocação no tempo e no espaço. Colocaremos aqui as impressões desses 2 anos de trabalho de pesquisa, onde buscamos

continuamente entender a trajetória do povo negro, na sociedade brasileira, retornando à história do povo negro na sua origem, a África. Particularmente, entendemos de onde vem a preferência por tecidos estampados, coloridos, alegres, profissionalmente, entendemos porque existem tão pouco negros/as em cargos hierarquicamente superiores nas instituições, socialmente, entendemos que ser negro na sociedade contemporânea é um ato político, de resistência e, que nenhum de nós (negros) sai incólume disso, mesmo que, aparentemente, as desigualdades impostas pela cor da pele, não te atinjam, em algum momento, você será afetado.

Achamos importante pontuar um dado: quando iniciamos em 2015 tínhamos a participação de 3 alunos no projeto de pesquisa, 1 homem, 2 mulheres, todos negros, alguns reconhecidos negros, a partir de sua inserção no grupo<sup>4</sup>. Entre idas e vindas, hoje temos 12 alunos inseridos no grupo; 4 são do curso de especialização em Políticas Sociais; 11 são mulheres, 1 homem, todos negros. Esses são dados muito expressivos, reafirmando a urgência de discutirmos de maneira crítica e científica a questão de raça/etnia no Serviço Social, pois observamos que aproximação dessas mulheres se dá por uma angústia pessoal de se colocarem e se reconhecerem no mundo, enquanto sujeitos sociais e históricos. Segue o relato de uma das alunas, inserida na pesquisa desde o 1o momento:

Ao início da pesquisa, não encarei o tema com a importância que ele merecia, já que só tinha observado com olhar macro, sem o detalhamento necessário. Por ter crescido em uma família que é 99% negra, sempre olhei para todos como semelhantes, aprendi coisas incríveis com todos e sempre tive um olhar de admiração por cada um deles.

Confesso que, no ponto que a pesquisa se encontra e, depois de conversas sobre o assunto em casa, passei a admirar muito mais as mulheres negras da minha família, por que não fazia ideia do quanto elas já suportaram. Eu ainda não tinha suportado muita coisa como a minha família por ter nascido com o tom de pele mais claro. Meu pai, branco, me coloriu com um tom de pele diferente do da minha mãe. Infelizmente, parecer esteticamente com o meu pai, fez com que eu e minha mãe vivêssemos situações constrangedoras, com pessoas que não aceitavam que nós tivéssemos vínculo familiar. Me doeue acharem que minha mãe não tinha condições de me colocar no mundo.

Apesar disso, as mulheres negras que me rodeavam sempre foram bem-sucedidas, conseguiram seus espaços profissionais, todas trabalhavam fora, sem relatar maiores problemas para conseguir trilhar esse caminho. Porém, através da coleta de dados da pesquisa, percebi que minha família era privilegiada por tal feito. Eu vivo no mundo onde pessoas não são admitidas no emprego por sua pele escura, em contrapartida, outras são contratadas, exclusivamente, por sua beleza caucasiana, celestial. Não acreditei. (Estudante 1)

Esse depoimento exemplifica como a pesquisa age sobre seus sujeitos. Muitas das participantes, além de passarem a ter outra visão de mundo e de si mesmas, mudando assim pensamentos e crenças, mudaram fisicamente, cortando cabelos ou usando adereços sem constrangimento. Sim, vivemos um momento de valorização e comercialização da cultura negra, porém, ainda é muito

<sup>4</sup> “Um método de identificação racial é um procedimento estabelecido para a decisão do enquadramento dos indivíduos em grupos definidos pelas categorias de uma classificação, sejam estas manifestas ou latentes. (...) A auto atribuição de pertença, no qual o próprio sujeito da classificação escolhe o grupo do qual se considera membro. (OSORIO, R. G. O sistema classificatório de ‘cor e raça’ do IBGE. Brasília: 2003. Disponível em: [www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0996.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0996.pdf). Acessado em ago. 2017)



difícil ser negro, daí o impacto da pesquisa sobre seus agentes, pois descobrimos que podemos ser negros, que existem muitas pessoas no mundo sendo negras, vivenciando a ancestralidade até as últimas consequências, então, você começa a encontrar explicações para algumas angústias e começa a se reconhecer.

(...) como mulher negra e participante da pesquisa todo o processo de descobrimento e desenvolvimento da mesma foi muito importante, não só por mostrar uma nova forma de ver a sociedade, mas também mudar a concepção de onde eu e minhas colegas de pesquisa nos encaixaríamos na mesma. Foi despertado uma consciência dos nossos direitos, um sentimento de luta até antes, pelo menos da minha parte, adormecido e principalmente, um sonho de por meio da pesquisa, fazer algo que ajude a mudar essa realidade. (Estudante 2)

Claro que quando falamos em ser negro, não estamos apenas falando de traços negroides, estamos falando de história, ancestralidade e resistência. Fica claro que “ser negro” é um posicionamento político. Bianca Santana (2015), em seu livro “Quando me descobri negra”, consegue sintetizar esse sentimento:

Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena. (...) Pensei muito e por muito tempo. Não identifiquei nada de africano nos costumes da minha família. Concluí que a ascensão social tinha clareado nossa identidade. Obvio que somos negros. Se nossa pele não é tão escura, nossos traços e cabelos revelam nossa etnia. (p.15-16)

Não é fácil falar sobre isso, pois é algo que machuca. Por outro lado, precisamos resgatar nossa história, valorizá-la, reviver a glória de nosso povo e, a pesquisa, o estudo, a cientificidade é o caminho mais seguro para encontrarmos as respostas que nos fazemos desde sempre. Paraphraseando Francisco Weffort, “o branqueamento apaga as glórias dos negros, a memória dos líderes que poderiam sugerir caminhos diferentes daqueles da humilhação cotidiana, especialmente para os pobres”. (apud Santana, 2015, p. 15)

(...) a primeira sensação é de que talvez a gente não queira mexer nessas feridas. Na verdade, escaras. Dói muito. (...) conseguimos adentrar um terreno ainda tão pouco falado para além dos círculos de militância. Aos poucos, vou reconhecendo na voz que emerge do texto, dos ecos das vozes constantemente ignorados, sobrepujadas e esquecidas de amigos, alunos e da minha própria. E então, à voz que emana de cada tentativa de ser ceifada crescem-se outras, e mais outras, milhares. Um coro bonito que enfim pode se ver representado. Não só. Que pode enfim ser reconhecido, ouvido, lido, pensado, visto. São narrativas que passam a fazer parte da nossa história e que não precisarão ser apagadas. Porque tudo ainda é muito humilhante. (...) (SOARES apud SANTANA, 2015)

Desde que entrei na pesquisa me orgulho cada dia mais de ser uma mulher negra, pois a contribuição da cultura africana para a construção da identidade brasileira são inegáveis. Estão em toda parte desde simples palavras do nosso dia a dia, na culinária e outros costumes maravilhosos. (Estudante 3)

A nossa proposta inicial no projeto ‘Queens of África ou Barbies?’, foi formar um grupo de alunos em formação e, outros já formados pela Universidade Castelo Branco para desenvolver uma discussão sobre a identidade da mulher negra na Zona Oeste e, em cima de que signos sociais são construídas essas identidades. Particularmente, essa foi a oportunidade que eu precisava enquanto mulher negra para deixar para trás muitas inseguranças e estereótipos que me cercavam desde o meu nascimento. No fundo eu sabia que esse projeto era também sobre mim, sobre como eu me enxergava e como sempre lidei com o racismo no decorrer da minha vivência social. Meu primeiro movimento no meio científico foi buscar em outras mulheres negras a explicação e a força que seriam

suficientes para desenvolver uma grande contribuição acadêmica. O projeto foi para mim, antes de mais nada, um acontecimento que aconteceu de dentro para fora. Começamos a ler artigos e materiais que abordavam os temas relacionados a mulher negra e também obtivemos experiências externas, como por exemplo, a participação em eventos [científicos]. Dali, reunimos e recolhemos nossas ideias e começamos a avaliar e ter um senso crítico mais aguçado para questão em si. E de repente 'caiu a minha ficha' que nunca na vida, eu tivesse lido uma mulher negra e muito menos uma [autora] mulher negra e periférica. Em um país que foi sustentado pela mão de obra das negras, que exerceram múltiplas funções de trabalho, desde o período da escravidão, eu não poderia ser uma pesquisadora sem ter lido, não ter tido contato com nenhuma dessas escritoras em especial.

Foi aí que então conheci a escritora Carolina Maria de Jesus e, de quem depois da leitura tive um olhar muito mais crítico da questão de gênero e raça. (Estudante 4)

É difícil sintetizar as reflexões feitas aqui. É difícil falar o envolvimento com esse objeto nos atingiu. Essa temática suscita muito sentimentos, traz muitas verdades, nos questionamentos aqui, se não tivéssemos nos envolvido, cientificamente, com esse objeto, se essa consciência racial teria florescido em nós. E é sobre essa função da pesquisa científica que tratamos aqui. Não precisamos tomar limonada, para clarearmos o tom de nossas peles e nem alisar nossos cabelos para parecerem mais comportados. Precisamos nos conhecer como sujeitos históricos, como tribos, como ancestralidade. E isso a pesquisa nos deu.

Conseguimos com nossos resultados instituir um lugar, dentro da Academia para tratarmos questões de etnia e gênero, uma conquista grandiosa, para o lugar onde estamos e que nos fora reservado para a fala.

Ser negra é resistir a todo momento, da vida pessoal à profissional, vivenciar diariamente uma luta. Mas, felizmente, nossa luta não tem sido infundada, vimos alcançando vitórias significativas no que diz respeito a nossa identidade, a nossa inserção social.

Parece-nos claro a relevância de nosso trabalho, o objeto raça/etnia precisa ser explorado, investigado, falado. Associar essa discussão a questão de gênero, parece-nos outra necessidade. Fazer parte desta construção é uma realização pessoal e profissional. Os desafios se apresentam e reafirmam diariamente, mas, é importante agora, consolidarmos esse espaço e revertermos nossas descobertas científicas em ações concretas que contribuam no combate as situações de discriminação e subalternização vivenciadas pela comunidade negra, em especial, as mulheres. Seguimos então, dando voz aos que nunca foram ouvidos, falando sobre o que nos aflige, nos (re)conhecendo a cada dia, escrevendo sobre nossas descobertas e angústias, nos realizando por podermos ser referência para outras meninas que também se reconhecem nessas palavras. Somos agradecidas pela oportunidade de estudarmos, conhecermos e podermos nos assumir, conscientes de quem somos e de onde viemos. Ubuntu!

### **Referências Bibliográficas**

- ABREU, Janys. Os desafios de ser mulher e negra no Brasil. Disponível em: <http://mulheresechluta.blogspot.com.br/2015/07/os-desafios-de-ser-mulher-e-negra-no.html>. Publicado em Jul. de 2015. Acessado em: 20 de mai. de 2016.
- BERGER, Peter L. A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BORGES, Edson, MEDEIROS, Carlos Alberto e D´ADESKY, Jacques. Racismo, Preconceito e Intolerância. São Paulo: Atual. 2002. 80 p.
- CARNEIRO, Sueli. (2011) Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.
- LARA, R. Pesquisa e serviço social: da concepção burguesa de ciências sociais à perspectiva ontológica. Revista Katálisis. Florianópolis, v. 10, n. spe, 2007. Disponível em: Pesquisa e serviço social: da concepção burguesa de ciências sociais à perspectiva ontológica.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
- REIS, M.B.M. Notas sobre o Projeto ético-político do Serviço Social. In: Assistente social: ética e direitos. Coletânea de leis e resoluções. Rio de Janeiro: CRESS 7ª Região, 2002.
- SETUBAL, A.A. Pesquisa em Serviço Social: utopia e realidade. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- SIMÕES, P. Assistentes sociais no Brasil: um estudo a partir das PNDAS. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.
- SANTANA, Bianca. Quando me descobri negra. São Paulo: SESI SP editora, 2015.
- SANTOS, Gevanilda. Relações raciais e desigualdades no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- VALENTE, Ana Lúcia E. F. Ser negro no Brasil hoje. São Paulo: Moderna, 1994.